

# Gilgamesh, nas fronteiras entre o animal e o humano. O rei Uruk e a luta pela imortalidade

Paulo Marchon<sup>1</sup>

Maria Livia Diana de Araujo Marchon<sup>2</sup>

---

**RESUMO** A escrita cuneiforme está entre o oral e o escrito. A história de Gilgamesh, o herói lendário de Uruk, na Mesopotâmia, despertou atenção quando George Smith, em 1872, desvendou, nas primeiras tábuas, que um milênio antes da Bíblia eles já escreviam uma história do dilúvio. Uruk era uma Nova York de 4.000 anos atrás. O autor reconta a história de Gilgamesh, acrescentando algumas perspectivas psicanalíticas. Gilgamesh tem o *ius primae nocte*, além de usar todas as mulheres de Uruk, atacando e matando seus habitantes, que pedem ao deus Anu a proteção. Este cria do pó da terra Enkidu para destruir Gilgamesh. Mas os dois se tornam amigos e vão combater Humbaba, o monstro encarregado pelo deus Enlil de fazer interdição na Floresta de Cedro. Os dois matam o monstro, mas o deus Enlil decreta a morte de Enkidu e, assim, surge a questão da morte e do medo da morte de uma perspectiva psicanalítica e da ciência moderna.

**PALAVRAS-CHAVE** Édipo babilônico; fronteiras entre oral e escrito, entre animal e homem; ciência; interdição e morte

---

1. Psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro – SBPRJ, da Sociedade Psicanalítica do Recife – SPR-PE e da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza – SPFOR

2. Mestre em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Apresentadora do Programa Escutar e Pensar da Sociedade Psicanalítica de Fortaleza – SPFOR. Autora do Livro *A Arte de Contar em Júlio Dinis: alguns aspectos da sua técnica narrativa* – Livraria Almedina - Coimbra

*Gilgamesh* é, até agora, o primeiro livro da Humanidade. A mais antiga história da Humanidade foi escrita em torno de 2.100 a.C., cerca de 1000 anos antes da *Bíblia* e da *Ilíada*. *Gilgamesh* situa-se nas fronteiras entre o oral e a escrita.

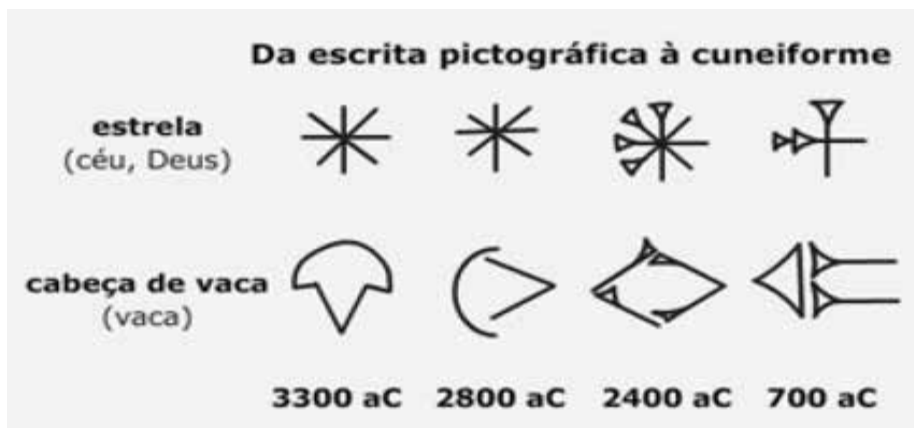
Este poema épico foi encontrado nas ruínas da biblioteca do rei assírio Assurbanipal quando as escavações, iniciadas em 1844, onde hoje existe a cidade de Mossul, na Síria, trouxeram à luz o que restou dos palácios de Nínive, a antiga capital da Assíria. O texto estava gravado em tabuinhas de argila em escrita cuneiforme, o sistema de escrita mais antigo que conhecemos, com sinais triangulares em feitiço de cunha, e que foi decifrado em 1857. Tal escrita, que apresentava mais de 700 sinais distintos, era usada pelos sumérios e foi depois adotada pelos acádios (assírios e babilônios) e por outros povos, como os elamitas e os persas. O idioma em que o poema foi escrito é o acádio, língua semita parente do hebraico e do árabe.

Como afirma Vendryes (1968), nossas crianças rapidamente passam a compreender que “o que veem escrito nos livros oferece a seus olhos a imagem das palavras que seus ouvidos escutam”, mas tal “ginástica psíquica” que coordena grafia e som, tal valor simbólico da escrita não é algo natural ao homem. Nós o devemos às “tentativas intelectuais de nossos ancestrais longínquos”, ao longo tempo e esforços que eles gastaram para “adestrar o cérebro que nos transmitiram a ponto de não termos mais consciência deste adestramento” (p. 343-4).

Foi longa a caminhada para chegarmos à escrita, nascida da necessidade humana de se expressar, de comunicar, e algo tão importante que os povos antigos a atribuíram a deuses ou heróis lendários.

De início, o homem fez desenhos das coisas e identificava imagem desenhada e objeto; com o tempo, foi tomando consciência de que o signo gráfico era uma representação objetiva das coisas e não as próprias coisas. E foi passando de imagens desconexas a imagens que representavam uma pequena narrativa, foi conseguindo expressar ideias, abstrações e, depois, palavras e sílabas, até chegar à expressão de sons isolados através de umas poucas letras (p. 22-26). A evolução da escrita até a elaboração da cuneiforme mostra uma boa parte dessa caminhada.

Avzaradel (2006), estudando os ideogramas da escrita chinesa, mostra um processo semelhante ao ocorrido na evolução da escrita até o cuneiforme. Pictogramas são reunidos dois a dois para formar ideogramas. “Objetos, ou representações de coisas, são relacionados uns aos outros, constituindo conceitos abstratos a partir de conceitos materiais”. Juntam-se o pictograma de árvore com o de sol, e o sol “visto através dos galhos de uma árvore gera o conceito de Leste, pois somente quando nasce ele assim é percebido” (p. 193).



Tabuinhas de argila muito antigas encontradas na cidade de Uruk mostram uma escrita figurativa, pictográfica. Um desenho lembrando o sol representaria o sol apenas. Mais adiante, a escrita foi passando a ideográfica e fonética: o disco solar representa também “dia” e “tempo”, noções mais complexas; ideogramas vão se combinando, uma cabeça e uma tigela juntas podem significar “comer”. E os sinais passam também a corresponder a um ou mais sons. Uma *seta*, por exemplo, vale então para duas palavras sumérias de pronúncia igual e significado diferente, *ti*, “flecha” e *ti*, “vida”. Para distinguir tais significados foi necessário acrescentar ao som algum ideograma. Aos poucos as figuras foram se afastando da realidade visível que exprimiam anteriormente, foram gravadas linearmente, na horizontal e não na vertical, e foram se simplificando, apresentando-se como simples triângulos ou cunhas, daí o nome cuneiforme dessa escrita, que atingiria seu esplendor com os escribas assírios e que possibilitaria a expressão de problemáticas humanas complexas e fundamentais, como a tentativa de vencer a morte tão bem mostrada no poema épico *Gilgamesh*.

Os sumérios e os acádios organizavam-se em cidades-estados, fortificadas e rivais, cada uma constituindo uma unidade política e tendo seu soberano e seu deus. A cidade suméria de Uruk destacou-se pelo imenso desenvolvimento alcançado. Existe, em escrita cuneiforme, uma lista de reis sumérios, e as façanhas dos soberanos semilendários da Primeira Dinastia de Uruk foram relatadas pelos escribas sumérios e babilônicos. *Gilgamesh* é o mais importante desses relatos.

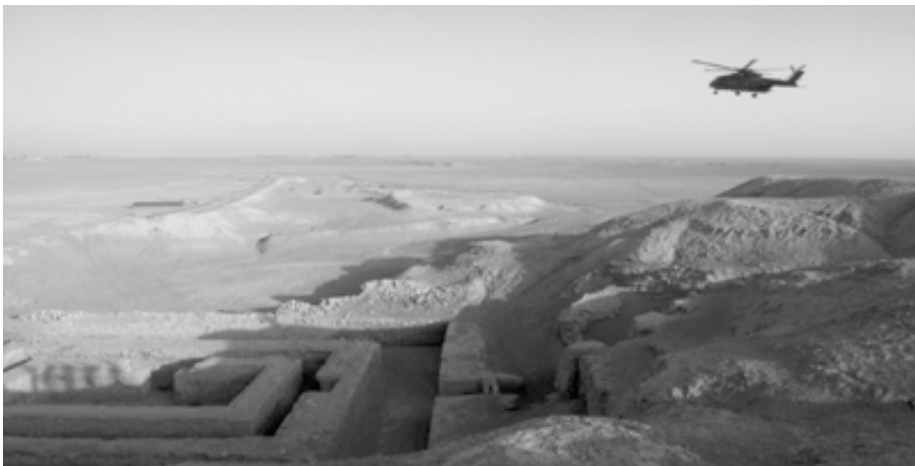
Em 1872, o pesquisador George Smith decifrou e conseguiu ler num dos fragmentos cuneiformes do *Gilgamesh* a história do dilúvio. Ficou de tal maneira maravilhado com esta descrição que confirmava, com antecedência de 1.000

anos, o dilúvio da *Bíblia*, que ele passou a pular e a correr entre os colegas, ao mesmo tempo em que se despia... O fato de haver antecipado, com a decifração de *Gilgamesh*, a história do dilúvio 1.000 anos antes da história bíblica pode ter contribuído para o isolamento e o esfriamento do interesse para com George Smith e seu trabalho, que inicialmente havia obtido grande repercussão. Ao final, veio a morrer isolado e só (Mitchell, 2004, p. 4).

Uruk, no Iraque, com o nome atual de Warka, é considerada por muitos como a primeira cidade da humanidade. No Gênesis era chamada de Ereque, sediada na atual Mesopotâmia. Tinha diversos e monumentais templos, com



Uruk: 80 mil habitantes há 4000 anos



Uruk atual destruída, com vestígios do passado

“espaços públicos bem planejados” (Leick, 2019, p. 58). Era cercada por um monumental anel de muralhas de sete metros de altura e 10 km de circunferência, “bem discernível ainda hoje” nas ruínas da cidade, em Warka (Leick, 2019, p. 58). Era a Nova York dos anos 4.000 antes de Cristo. Seus prédios eram monumentais, suas praças e ruas, magníficas.

Existem várias traduções do poema épico *Gilgamesh*. Conhecemos duas versões para o inglês deste extraordinário poema. A primeira tem o título de *The Gilgamesh epic and Old Testament Parallels*, e foi feita em 1946 por Alexander Heidel, um dos colaboradores do *Assyrian Dictionary of the Oriental Institute*, da Chicago University. Nela podemos ver a história que o próprio Heidel considera curiosa e que, para nós, é particularmente notável: um outro Édipo, um Édipo babilônico. Trata-se da história contada por Claudius Aelianus, escritor romano do segundo século a.C., “que recolheu a seguinte história concernente ao nascimento e à infância de Gilgamesh” (p. 4), o herói de Uruk:

Quando Enmekar reinou sobre Uruk e os babilônios, os caldeus disseram que sua filha geraria um neto que tomaria o reino do avô. Por isso, ele ficou amedrontado e, para expressá-lo jocosamente, diz Claudius Aelianus, tornou-se um novo Acrísio. Este era o rei de Argos, de quem uma história semelhante é contada na mitologia grega. Acrísio, na Grécia, e Enmekar, em Uruk, encerraram cada um a própria filha em local inatingível e muito bem guardado. Mas, quanto a Enmekar, sem o seu conhecimento – pois o destino era mais engenhoso que os babilônios – a moça engravidou de um homem obscuro. Seus guardas, com medo do rei, atiraram o bebê do alto da Acrópole, pois era lá que a mãe estava aprisionada. Mas uma águia muito esperta viu a queda da criança e, antes que ela atingisse o chão, amparou-a e voou, carregando-a para um pomar, onde a colocou a salvo. O jardineiro amou o menino e educou-o. Ele recebeu o nome de Gilgamesh e reinou sobre os babilônios.

Na mitologia grega prevaleceu o trágico: o rei-avô Acrísio morreu acidentalmente, atingido por um disco lançado pelo seu neto Perseu, que cumpriu uma trágica profecia, matando assim o avô e ocupando o seu trono (Heidel, 1975, p. 4).

Na história de Gilgamesh, revelada pelo poema, ele seria filho da deusa Ninsum, que era a esposa do deus Lugalbanda. “Seu pai, contudo, não seria Lugalbanda, como se esperaria, mas sim um simples mortal a quem a lista de reis sumérios chama de “alto prelado de Kullab”, um distrito da cidade de Uruk. Isto é importante, pois isso explica por que, de acordo com a epopeia, Gilgamesh é em parte deus e em parte homem” (Heidel, 1975, p. 4). Muito tempo depois, Gil-

gamesh se tornaria deus, “rei do mundo dos mortos” (Heidel, 1975, p. 5), tendo conseguido, somente no final, a imortalidade tão desejada e pela qual tanto lutou.

Em 2004 foi publicada a tradução do poema elaborada por Stephen Mitchell, que é detentor da aura de tradutor de Rilke, sendo seu trabalho consagrado por Harold Bloom, Harold Pinker e pelas colunas literárias dos mais importantes jornais americanos com adjetivos enaltecendo. Rilke tornou-se, em 1916, o primeiro a “reconhecer a verdadeira estatura literária de Gilgamesh” (Mitchell, 2004, p. 3): “Gilgamesh é estupendo! Acredito que esteja entre as maiores coisas que podem acontecer a uma pessoa. Mergulhei nestes fragmentos, verdadeiros gigantes em que tenho experimentado medidas e formas (*measures and forms*) que pertencem às obras supremas que a magia da Palavra já conseguiu produzir”. O épico seria “uma obra-prima da literatura mundial” não só para Rilke, mas para Stephen Mitchell e aqueles que se maravilharam com a magia das suas criações (Mitchell, 2004, p. 3). Heidel afirma, com convicção e admiração, que o poema é a *Odisseia* dos babilônios e que “continuará a mobilizar os corações dos homens pelos tempos afora” (Heidel, 1975, p.1).

O livro conta a história do herói – Gilgamesh – que era o rei de Uruk e também de seu povo. Ele tinha o direito à primeira noite de todas as noivas, o *ius primae nocte*. Paralelamente, era muito perverso para com todos os habitantes de sua terra.

é o Rei e ele faz o que deseja  
Toma o filho de seu pai e o esmaga  
Toma a moça de sua mãe e a usa  
A filha do guerreiro, a noiva do jovem,  
Ele a usa e ninguém ousa se opor a ele.  
(Mitchell, 2004, p. 72, tradução do autor)

Parece que ele “usa” todas as mulheres de Uruk para compensar a frustração de que a mãe, a Deusa Ninsum, não é dele.

Mas o povo de Uruk implorou aos céus  
E seus lamentos foram ouvidos...  
E chegaram até Anu, o pai de todos...  
“Pai celestial, Gilgamesh...  
Ultrapassou todos os limites.  
O povo sofre com sua tirania”  
(Mitchell, 2004, p. 73, tradução do autor)

Gilgamesh, nas fronteiras entre o animal e o humano. O rei de Uruk e a luta pela imortalidade.

Anu, deus supremo, resolveu criar uma espécie de “duplo” de Gilgamesh, dando-lhe o nome de Enkidu, que teria a função de derrotá-lo e, assim, dar fim às iniquidades do rei de Uruk. Enkidu foi feito do “pó do chão” (p. 11) por Anu. Avisado que teria diante de si um rival, um “duplo” muito poderoso, Gilgamesh achou melhor pedir o auxílio de Shamhat, uma das sacerdotisas do amor, para ela se oferecer sexualmente a Enkidu e, assim, domá-lo. Gilgamesh pediu “para que Shamhat tirasse as roupas e ficasse lá, nua, de pernas abertas” à espera de Enkidu (p. 12) que, até então, vivia apenas entre os animais, não tendo tido contato com seres humanos. Ao ver Shamhat naquela posição ordenada por Gilgamesh, Enkidu abandonou seus amigos animais bebendo água no poço e partiu para os braços de Shamhat. Foram sete dias e sete noites irresistíveis de “ereção e prazeres constantes” que transformaram a disposição animal de Enkidu em um ser humano. “Ele agora conhecia coisas que um animal não pode saber... e ele entendeu todas as palavras que Shamhat estava falando para ele: “Agora, Enkidu, você sabe o que é estar com uma mulher, unir-se a ela. Você é belo. Você é igual a Deus. Por que viver como animal? Deixe-me levá-lo para o Palácio do poderoso Rei Gilgamesh” (p. 80). Shamhat conta para Enkidu o sonho de Gilgamesh.

Ele sonhou que uma pesada estrela caía a seus pés e que ele a acariciava em seus braços como se ela fosse uma mulher. Sua mãe, a sábia deusa Ninsum, interpretou o sonho assim (p. 83):

É um querido amigo, um poderoso herói.  
Você irá tomá-lo em seus braços e acariciá-lo  
Do modo como um homem acaricia sua mulher.  
Ele será seu duplo, seu segundo eu,  
Um homem que é leal, que estará de seu lado  
Nos maiores perigos. Brevemente você o encontrará  
O companheiro do seu coração. Seu sonho disse isso.

Gilgamesh disse: Possa o sonho tornar-se verdade.  
(Mitchell, 2004, p. 83-84, tradução do autor).

Para Gilgamesh, a mãe-psicanalista interpretando o sonho estaria mostrando que ambos, mãe e filho, formam um casal, juntos e sexualmente unidos, e que teriam concebido um filho e que este filho, nosso herói analisado, tem ordem da mãe-psicanalista para com ele se casar: “você irá tomá-lo em seus braços” e serão marido e mulher. Parece ser uma tentativa de solução para o conflito

edipiano da mãe e do filho, criado no sonho e na psicanálise. Uma solução para ele ser como o pai e não ter que matar o genitor para ocupar o lugar dele. Por outro lado, ela não seria uma Jocasta. Mas Gilgamesh queria tornar-se deus. Para tornar-se deus, imortal, as exigências seriam extraordinárias.

De sua parte, embora Enkidu sinta um anelo, um desejo no fundo de seu coração de ter uma verdadeira amizade, não esquece sua missão:

Shamhat, eu vou, leve-me com você!  
Vou desafiar Gilgamesh. Vou gritar na sua face:  
Eu sou o mais poderoso! Eu sou o homem  
Que pode fazer o mundo tremer! Sou supremo  
(Mitchell, 2004, p. 80, tradução do autor)

Mas Shamhat quer amor e paz, detalhando as belezas de Uruk, reiterando a Enkidu que ele próprio é o verdadeiro sonho de Gilgamesh.

“Come,” said Shamrat, “let us go to Uruk,  
I will lead you to Gilgamesh the mighty king.  
You will see the great city with its massive wall,  
You will see the young men dressed in their splendor,  
In the finest linen and embroidered wool,  
Brilliantly colored, with fringed shawls and wide belts.  
Every day is a festival in Uruk,  
With people singing and dancing in the streets,  
Musicians playing their lyres and drums,  
The lovely priestesses standing before  
The temple of Ishtar, chatting and laughing,  
Flushed with sexual joy, and ready  
to serve men’s pleasure, in honor of the goddess,  
so that even old men are aroused from their beds.  
You who are still so ignorant of life,  
I will show you Gilgamesh the mighty king

Venha, disse Shamrat, vamos para Uruk,  
Eu te levarei a Gilgamesh, o poderoso rei.  
Você vai ver a grande cidade e sua muralha maciça  
Você vai ver os jovens vestidos em seu esplendor



Gilgamesh, nas fronteiras entre o animal e o humano. O rei de Uruk e a luta pela imortalidade.

Nos melhores trajes de lã bordada,  
Brilhantemente coloridos, com xales de franjas e cintos largos,  
Todo dia é um festival em Uruk,  
Com pessoas cantando e dançando nas ruas  
Músicos tocando suas liras e tambores,  
As adoráveis sacerdotisas em pé diante do  
Templo de Ishtar, conversando e rindo,  
Coradas de alegria sexual e prontas  
Para servir ao prazer dos homens, em honra da deusa,  
De modo que até velhos alquebrados  
Levantam-se de suas camas remoçados.  
Você que desconhece tanto a vida  
Vou mostrar-lhe Gilgamesh, o poderoso Rei.  
(Mitchell, 2004, p. 81, tradução do autor)

Vou-me embora pra Pasárgada  
Lá sou amigo do rei  
Lá tenho a mulher que eu quero  
Na cama que escolherei  
Vou-me embora pra Pasárgada  
Aqui eu não sou feliz  
Em Pasárgada tem tudo  
É outra civilização  
.....  
Tem alcaide à vontade  
Tem prostitutas bonitas  
Para a gente namorar  
Vou-me embora pra Pasárgada.  
(Manuel Bandeira, *Libertinagem*, 1930)

Há semelhanças nestes versos escolhidos, livremente traduzidos, entre a poesia de Gilgamesh, de 6.000 anos atrás, e os versos de Manuel Bandeira. É de estremecer de emoção confrontar as duas maravilhosas poesias, ocasião em que se faz sentir, com vigor, o esplendor da magia da Palavra, algo “estupendo”, como dizia Rilke (Mitchell, 2004, p.3)

Não obstante estas palavras de Shamhat e mesmo diante da previsão de uma relação amorosa entre ele e Gilgamesh, Enkidu não se comoveu. Ele sabia

de sua missão, ordenada por Anu Supremo, e decidiu desincumbir-se logo de sua obrigação: a de lutar contra Gilgamesh e, derrotando-o, dar fim à perversidade reinante em Uruk.

No momento de um casamento, diante do noivo e dos convivas, quando Gilgamesh entrou na festa para exercer o *ius primae nocte*, Enkidu se opôs e travaram luta terrível, mas Enkidu não conseguiu vencer o rei, pois Gilgamesh mostrou-se mais forte. Em vez do ódio mútuo esperado, nasceu o amor entre os dois. A amizade jamais teve fim. Juntos desfrutaram da boa vida de Uruk, a Pasárgada dos anos 4000. Eles, por certo, eram frequentadores do Templo de Ishtar com suas sacerdotisas sempre oferecidas, bem como se deliciavam nas alegres cervejarias, nas festas constantes da Nova York da época, centro e capital do mundo, e no amor de um pelo outro.

Mas nada disto bastava, Gilgamesh decidiu tornar-se famoso e então resolveu matar o terrível, invencível “Humbaba e extirpar o mal da terra... ‘Eu irei estampar minha fama na mente dos homens para sempre’” (Mitchell, 2004, p. 95). Humbaba era protegido dos deuses e tomava conta da Floresta de Cedro onde os mortais não podiam entrar por determinação de Enlil e da Assembleia dos Deuses. Porém Gilgamesh era filho de uma deusa e tinha que ser um deus. Ele teria que lutar contra deus-pai, ocupar o lugar dele para se tornar deus. Assim, ele parte para enfrentar Humbaba e, através deste, desafiar o deus Enlil que o colocou lá, na Floresta dos Cedros, para aterrorizar os homens.

De mãos dadas os dois amigos caminharam  
Ao templo de Ninsum. Gilgamesh se curvou  
À mãe, a deusa Ninsum, e disse,  
“Eu tenho que ir agora para a Floresta dos Cedros...  
Eu tenho que enfrentar o combate que nenhum homem conheceu...  
Querida Mãe, querida deusa, me ajude nesta luta,  
Dê-me sua bênção antes da partida  
Para que eu possa voltar da Floresta dos Cedros  
Vitorioso e ver sua face de novo.”  
(Mitchell, 2004, p. 98-99, tradução do autor)

Então, é para ver e ter a mãe que Gilgamesh irá lutar. Possuir todas as mulheres do reino, possuir Enkidu, o irmão que viera para aniquilá-lo, não basta. É preciso mais... Lutar e desfazer toda e qualquer interdição. Na Floresta de Cedros

Gilgamesh, nas fronteiras entre o animal e o humano. O rei de Uruk e a luta pela imortalidade.

irá se realizar a grande luta contra a grande maldade do pai – o guardião da interdição. Todas as mulheres do reino não bastam, a Mãe é essencial.

Para o Coro dos Anciões, que não conhece o drama íntimo do nosso herói, até mesmo o pai, o deus Lugalbanda, irá ajudá-lo nesta empreitada de desafiar Enlil, uma das deidades que compõem a Trindade que dirige os céus dos babilônios (p. 99). Por outro lado, é sabido que o pai verdadeiro de Gilgamesh é um “alto prelado” e não o deus.

“E lembre-se de Lugalbanda seu pai  
Que viajou também para montanhas distantes.”  
(Mitchell, 2004, p. 103)

O processo de Gilgamesh para tornar-se deus seria o mesmo que o pai havia realizado.

Enkidu disse para Gilgamesh:  
“Se você tem que fazer isto, eu tenho que ir com você.”  
(Mitchell, 2004, p. 104)

E realmente foram, e só depois de muita luta dos dois contra o monstro, em um momento em que Humbaba ia matar Gilgamesh, Shamash, o deus-Sol, a pedido da mãe Ninsum, paralisou Humbaba (124). Gilgamesh aproveitou-se da ajuda salvadora, “levou uma faca na garganta de Humbaba”. Não adiantaram seus pedidos de clemência, pois Enkidu insistia:

“Coragem, querido amigo.  
Feche seus ouvidos para as maldições de Humbaba.  
Não dê atenção a uma única palavra dele. Mate-o! Agora!”  
(Mitchell, 2004, p. 127)  
E assim foi feito...

A mãe aliou-se ao filho para eliminar a maldade do pai. Talvez estivesse aí a fronteira, o momento em que se afirma a perenidade e a continuidade da vida, momento em que a mãe se une ao filho para que ele sobreviva, vencendo e sobrevivendo aos impulsos destrutivos internos e externos. O amor da mãe permitiria nossa existência e sobrevivência.

“Trouxemos para a terra a mais alta das árvores,  
O cedro cujo topo uma vez mergulhou no céu  
Vamos transformá-lo numa porta gigantesca.”  
(Mitchell, 2004, p. 129)

Mas o conflito continua; é preciso – consumir a castração – arrancar o pênis paterno que havia vivido o céu no paraíso materno e triunfar sobre ele, utilizando-o para uma porta – vagina – gigantesca. Porém, no final, a culpa e a perseguição não permitem e ela teria que voltar para “o Deus Enlil desfrutá-la ao máximo e nenhum homem, mas apenas os deuses poderiam atravessá-la...”. E a dança do conflito edipiano continua...

No retorno triunfal a Uruk os dois heróis levaram a cabeça monstruosa de Humbaba. Vendo Gilgamesh belamente vestido, a deusa do Amor e da Guerra, Ishtar, disse: “Case comigo, seja meu bem-amado”, e ofereceu riquezas e mais riquezas ao herói vitorioso. Mas Gilgamesh rejeitou-a, dizendo que o preço dela era muito alto. Gilgamesh enumera os homens que ela seduziu e depois desprezou (Mitchell, 2004, p. 120-121).

Podemos depreender que o desenvolvimento da atração sexual e do amor entre Gilgamesh e Enkidu, sendo muito intensos e evidentes, pudessem dar lugar à rejeição a Ishtar. “No Tablet 12, um poema separado apenas ao épico original de *Gilgamesh*, a sexualidade genital [entre os dois] é explícita” (Mitchell, 2004, p. 218-219).

Na rebelião dos filhos contra os pais, os filhos se uniram amorosamente, mergulharam na Floresta dos Cedros, colocaram abaixo o mais alto dos cedros e deram fim à interdição. Enkidu tem dois sonhos, porém a Assembleia dos Deuses decreta sua morte e os sonhos têm que se materializar em 12 fatídicos dias. Os dois teriam que pagar. A Assembleia dos Deuses realmente decreta a morte de Enkidu.

Então Enlil disse para ele: “Enkidu,  
E não Gilgamesh é quem [tem de pagar e] tem que morrer.”  
(Mitchell, 2004, p. 141)

Enkidu adoece e morre em 12 dias, sofridos dramaticamente por Gilgamesh e Enkidu.

“Meu amado amigo está morto, ele está morto.  
Meu amado irmão está morto. Irei pranteá-lo  
Enquanto eu respirar. Vou soluçar por ele

Gilgamesh, nas fronteiras entre o animal e o humano. O rei de Uruk e a luta pela imortalidade.

Como uma mãe que perdeu seu único filho.

(Mitchell, 2004, p. 152-153)

[...]

Por seis dias e sete noites eu chorei sua morte,

Até que um verme saiu de seu nariz.

Então eu fiquei com medo, fiquei aterrorizado com a morte”

(Mitchell, 2004, p. 167)

Mortificado pela dor da perda de Enkidu, Gilgamesh abandona o poder, a cidade, os amigos, as sacerdotisas do amor, abandona tudo, enfim, inclusive a condição humana, veste-se com a pele de um animal e vai-se embora de Uruk (Mitchell, 2004, p. 158). A solução seria tornar-se animal novamente e, com isto, não conhecer, não ter noção da morte.

“Tenho eu que morrer também? Tenho eu que ser sem vida como Enkidu?

Como posso eu suportar a dor que corrói minha alma, este medo da morte?”

(Mitchell, 2004, p. 159).

Gilgamesh já não acredita mais que os deuses sejam imortais e anseia por conhecer o homem que seria imortal mesmo: “Eu iria perguntar-lhe como vencer a morte” (Mitchell, 2004, p. 159). Para Gilgamesh, quem é imortal mesmo é Utnapishtim, o Noé deles, que foi aquele que, construindo a Arca, salvou a humanidade da eliminação total.

Rilke disse que Gilgamesh é o épico do medo da morte (Mitchell, 2004, p. 202). O medo da morte superou o sofrimento pela perda do amor.

Freud, diante do masoquismo, da compulsão à repetição e do sentimento de culpa dos neuróticos, percebeu que o prazer não tinha aquele poder absoluto e que outro poder mais alto se alevantava: “a pulsão agressiva ou destrutiva, e que fazemos derivar da pulsão de morte originária da matéria animada. Não é uma questão de antítese entre uma teoria de vida otimista e uma pessimista. Somente pela ação concorrente ou mutuamente oposta dos dois primitivos instintos-Eros e o instinto de morte –, nunca por um ou outro sozinho, podemos explicar a rica multiplicidade dos fenômenos de vida” (Freud, 1937/1971).

Para Green (2008), a biologia não mostrava nada que pudesse se “acoplar ao conceito freudiano” de pulsão de morte (p. 325), até que o neurobiólogo Jean Claude Ameisen (1999) sustentou

uma tese que se aproxima do conceito [de Freud] de forma singular: “Hoje em dia, sabemos que todas as nossas células possuem o poder de, a qualquer momento, se autodestruir em algumas horas. As células fabricam permanentemente as substâncias mortais para cumprir essa tarefa. É a inibição delas que assegura a vida”. A vida procede da negação de um acontecimento negativo, a autodestruição. (Green, 2008, p.325)

Ohsumi, o prêmio Nobel de Medicina de 2016, disse: “Eu queria fazer algo diferente dos outros. Pensei que a autodecomposição seria um tópico interessante. O corpo humano está o tempo todo repetindo o processo de autodecomposição, ou canibalismo, e há um equilíbrio delicado entre formação e decomposição. A vida é isso” (<https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/nobel-de-medicina-vai-para-yoshinori-ohsumi.ghtml>, acessado em 01/08/ 2019)

Voltando a Gilgamesh, ele, depois de muitas peripécias, encontra Utnapishtim e fica sabendo como este Noé construiu a Arca e salvou todas as criaturas da destruição do dilúvio. Utnapishtim ainda conseguiu, na Assembleia dos Deuses, conquistar a imortalidade, tornando-se ele e a mulher verdadeiros deuses, em reconhecimento a seu ato salvador da humanidade com a construção da Arca. Muitos deuses haviam se arrependido de terem deflagrado o dilúvio que inicialmente era destinado a aniquilar toda a humanidade.

Money-Kyrle (1996) afirma que Freud “postula um instinto primário para buscar a morte, Klein, um impulso primário para temê-la e evitá-la”. Money-Kyrle continua afirmando que

para a Psicanálise não haveria o temor básico à morte e sim outros medos inconscientes básicos como o temor à castração. Mas, hoje em dia, concorda-se que há medos muito mais básicos que o temor à castração ou o temor à perda do amor (Freud) ou à afanise de Jones. Por exemplo, diz Money-Kyrle, o terror à desintegração (p. 306).

Utnapishtim propõe uma prova para Gilgamesh tentar conquistar a imortalidade: que nosso herói permanecesse sete dias e sete noites sem dormir. Mal iniciada a prova, Gilgamesh cai em sono profundo por sete dias. É despertado, recebe roupas dignas de um rei e é mandado de volta a Uruk, para jamais voltar, pois falhara lamentavelmente na primeira prova para ser deus. Penalizado, Utnapishtin lhe dá uma última chance: lançar-se nas Grandes Profundezas, encontrar e apanhar uma planta espinhosa e milagrosa. Gilgamesh se lança

Gilgamesh, nas fronteiras entre o animal e o humano. O rei de Uruk e a luta pela imortalidade.

nas Grandes Profundezas e consegue apanhar e trazer a maravilhosa planta da Eterna Juventude. Sai triunfante e diz para Urshanabi:

“Venha! Veja esta maravilhosa planta,  
O antídoto do medo da morte.  
Com ela nós voltamos à Juventude que outrora tivemos. [...]   
Irei comer algumas folhas e me tornar um jovem alegre de novo.”  
(Mitchell, p. 196-197).

No retorno para Uruk, Gilgamesh, depois de longa marcha, parou no caminho para se alimentar e banhar-se, deixando a planta em local próximo. Uma serpente sentiu o perfume da planta, comeu-a e deixou sua pele no local. Dizem que as serpentes perdem a pele e ganham, desta forma, nova vida. Assim aconteceu.

Gilgamesh, quando viu o que a serpente havia feito,  
Sentou no chão e chorou. Disse ao barqueiro:  
“O que farei agora? Todos os meus sofrimentos  
Deram em nada.”  
(Mitchell, 2004, p. 197, tradução do autor)

Gilgamesh perdeu a planta maravilhosa, outros homens a encontraram, perderam de novo e neste perde e ganha tem vivido a humanidade desde aqueles tempos até hoje.

Os gregos acreditavam que, no princípio, o Caos havia se unido à deusa Noite e, desta união, nasceram todos os imprevisíveis deuses e homens. O *Universo seria caótico*. Nos séculos VI e IV antes de Cristo, na Jônia, eles desenvolveram uma ideia extraordinária: o Universo seria cognoscível, porque apresentava uma ordem interna, regularidades que permitem que os seus segredos sejam desvendados. “Esta característica ordenada e admirável do Universo foi chamada Cosmos” (Sagan, 1989, p. 175). O *Universo não seria caótico!*

Foi necessário ultrapassar a crença e a fé no misticismo, na deusa Noite se unindo sexualmente ao Caos, para que a humanidade fizesse esta *transição* e assim pudesse sair do Caos e chegar ao Cosmos, que é a Beleza.

Seguindo Carl Sagan, nos séculos VI e IV antes de Cristo, nasceram a ciência e a filosofia com Tales, de Mileto, e seus geniais contemporâneos nas Ilhas Jônicas, nas vizinhanças de Atenas.

“Se suas conclusões estavam ou não certas, não importa, mas sim o seu lema: o mundo não seria governado por Deuses, mas sim por forças materiais interagindo com a Natureza” (Sagan, 1989, p. 177). O amigo de Tales, Anaximandro, criou a primeira teoria evolucionista; Teodoro foi o primeiro a fazer experimentos utilizando seus inventos geniais; Hipócrates instaurou a sabedoria na medicina; Demócrito criou a palavra átomo e o seu conceito. Anaxágoras, Pitágoras e Aristarco foram outros que cultivaram também a planta maravilhosa, a Ciência!

Tales de Mileto deu início à filosofia científica: ele fez perguntas sobre a Teogonia e procurou uma resposta em termos materiais, vendo todas as coisas como modificações da água, que era necessária à vida, e pode se solidificar ou tornar-se gasosa... Embora estas especulações científicas não fossem livres do mito... seu movimento era para o Racionalismo (Parrinder, 1983, p. 155-156).

“Mas, na supressão dos fatos inquietantes, a ideia de que a ciência devia ser guardada para uma elite restrita, a aversão pela experiência, a aceitação do misticismo, a fácil aceitação das sociedades com escravos”, o mundo daquela época desprezou aqueles sábios e “atrasou o empreendimento humano” (Sagan, 1989, p. 187). Imaginemos o que seria o mundo se estes sábios tivessem sido ouvidos. Houve séculos de atraso porque não foram ouvidos. Sócrates, no ano 399 a.C., ou seja, no século IV antes de Cristo, “foi julgado com acusações de ‘violar as leis, pois ele não acreditava nos deuses de nosso país, [além] de acreditar em um novo tipo de demônio e de perverter a juventude” (Jaspers, 1962, p. 11-12). Sócrates, ao demonstrar a imortalidade da alma, “que está acima de qualquer dúvida”, parece estar dizendo que toda a paz da mente se baseia nesta certeza. “Se o que eu falo é verdade, então eu faço bem em ser convencido pela verdade; mas se não houver nada depois da morte, durante o pouco tempo que me resta eu não vou afligir meus amigos com lamentações e minha ignorância não vai durar muito” (Jaspers, 1962, p. 14). Naquele momento, ele já havia tomado a cicuta e tinha, no máximo, seis horas de vida.

Muito tempo depois, no século XVI, Giordano Bruno, Copérnico, Galileu e outros encontraram e cultivaram a planta maravilhosa, mas, quando foram oferecê-la à humanidade, enfrentaram imensas dificuldades, acusados também de não acreditarem em Deus e, por isto, expostos à Inquisição.

Em 1610, há 400 anos, Galileu aperfeiçoou o telescópio, construindo um que aumentava em 30 vezes a dimensão dos objetos. Passou a fazer descober-



tas astronômicas extraordinárias, entre elas, os satélites de Júpiter. Descreveu suas descobertas no livro *O mensageiro das estrelas*. Os satélites confirmaram o heliocentrismo de Copérnico e aí começou a desgraça de Galileu, ao final condenado e preso pela Inquisição. Mais uma vez o misticismo prevalecia, mas, apesar disso, a ciência progrediu no mundo, de tal maneira que se pode dizer que Galileu criou a ciência moderna. Newton seria a expressão máxima desta dualidade: misticismo e ciência.

Não obstante o misticismo e as perseguições, a pequena planta tem se desenvolvido em todo o mundo, levando por vezes a situações perigosas para nossa sobrevivência, mas também permitindo atender a uma legítima aspiração de ampliação do tempo de vida e de melhores condições de existência do ser humano. Nós sabemos muito pouco de nós mesmos e do Universo. Se o homem não se destruir, é possível que o pequeno ramo da ciência que Gilgamesh arrebanhou das Grandes Profundezas possa dar frutos ainda mais maravilhosos.

O planeta Júpiter, formado há 4,6 bilhões de anos, está a 869 milhões de quilômetros da Terra. A Nasa construiu uma nave com o nome de *Juno* que pesa 4 toneladas, tem 20 metros de diâmetro e 4,5 metros de altura. É do tamanho de um campo de basquete. Levou cinco anos para chegar lá. *Juno* fez diversas voltas em torno do planeta até 2018, quando mergulhou em Júpiter, para melhor verificar dados para o desenvolvimento da ciência. *Juno* está observando principalmente se existe água sob as nuvens do planeta, que teria uma meteorologia similar à da Terra. E onde há água, há vida. Estamos à procura da Vida.

Se nesses 400 anos, com a ciência contida, cerceada, combatida e limitada, foi possível este avanço extraordinário, partindo de uma descoberta de satélites de Júpiter pela luneta de Galileu, para um contato direto com o planeta Júpiter, imaginemos daqui a vinte, cinquenta, cem anos. Como muitos de vocês que estão lendo este artigo serão? Daqui a 400 anos como nossos descendentes serão? O que saberemos?

Michel Serres (1990) filósofo francês, disse que em 1981 havia mais cientistas produzindo do que em todas as épocas juntas da humanidade. Pergunto eu: e em 2019, quantos hão de existir? E em 2029? Quais serão os resultados?

Na época de Cristo, o tempo de vida média era de 28 anos. Um mil e novecentos anos depois passou a ser de 46 anos, quase o dobro. Dezenove séculos foram necessários para quase dobrar o tempo de vida média enquanto no século XX aumentou 20 anos, em menos de um século. Em 2002, no Brasil, era de 71 anos o tempo de vida. Em 2015 era de 75,2. Em apenas 13 anos ganhamos quatro anos de vida. De outro ângulo: O que nós sabíamos aos 28 anos?

E dos 28 anos até agora quanto desenvolvemos? O que fizemos e criamos dos nossos 28 anos até agora?

Voltando ao passado, nessa mesma época de Galileu e dos primórdios da ciência, em 1644, barcos pertencentes à Companhia das Índias Ocidentais Holandesa começaram a ser atacados no litoral do Brasil pelos indígenas. Antes estes indígenas já haviam atacado a guarnição estrangeira em terra.

Em 2019, hoje, 400 anos depois, estamos no local onde os indígenas dominavam e o fizeram lutando pela liberdade e rechaçando os invasores. Hoje, acolhemos com todo o carinho, em nossa terra, a Ciência, a Filosofia, a Literatura e os povos do Brasil e das Américas, bem como os da Europa e os do resto do mundo.

### ***Gilgamesh, on the borders between the animal and the human.***

#### ***The king of Uruk and the fight for immortality***

*ABSTRACT* Cuneiform writing is between oral and written. The story of Gilgamesh, the legendary hero of Uruk in Mesopotamia, awakened world attention when George Smith, in 1872, unveiled, on the tablets of the first writing, that a thousand years before the Bible, there was already the story of the Flood. Uruk was like New York 4000 years ago and the author recounts the history of Gilgamesh adding some psychoanalytic perspectives. Gilgamesh has the *ius primae nocte*, in addition to using all the women of Uruk, attacking and killing its inhabitants who ask the god Anu for protection. He creates Enkidu from the dust of the earth to destroy Gilgamesh. The two become friends and will fight Humbaba, the monster commissioned by the god Enlil to make the Interdiction of the Cedar Forest. They kill the monster, but Enlil decrees the death of Enkidu, and thus the question of death and fear of death arises from the psychoanalytic and modern scientific perspective as well as a perspective of the development of science.

*KEYWORDS* Babylonian Oedipus; oral and written boundaries and between animal and man; science; interdiction and death

### ***Gilgamesh, en las fronteras entre el animal y el humano.***

#### ***El rey de Uruk y la lucha por la inmortalidad***

*RESUMEN* La escritura cuneiforme está entre el oral y el escrito. La historia de Gilgamesh, el héroe legendario de Uruk, en Mesopotamia, despertó la atención mundial cuando George Smith, en 1872, descubrió, en las tablas de la primera escritura, que mil años antes de la Biblia ya contaban la historia del diluvio. Uruk era la Nueva York de hace 4000 años. El autor relata la historia de Gilgamesh añadiendo algunas perspectivas psicoanalíticas. Gilgamesh tiene el *ius primae nocte*, además de usar todas las mujeres de Uruk, atacando y matando a sus habitantes, que piden al dios Anu la protección. Este crea Enkidu del polvo de la tierra para

Gilgamesh, nas fronteiras entre o animal e o humano. O rei de Uruk e a luta pela imortalidade.

*destruir Gilgamesh. Los dos se vuelven amigos y van a combatir a Humbaba, el monstruo encargado por el dios Enlil de hacer la interdicción del Bosque de Cedro. Matan al monstruo, pero Enlil decreta la muerte de Enkidu y, así, surge la cuestión de la muerte y del miedo a la muerte bajo la perspectiva psicoanalítica y científica moderna así como una perspectiva del desarrollo de la ciencia.*

**PALABRAS CLAVE** *Edipo babilónico; fronteras entre oral y escrito, entre animal y hombre; ciencia; interdicción y muerte*

## Referências

- Ameisen, J.C. (1999). *La sculpture du vivant: Le suicide cellulaire et la mort créatrice*. Paris: Éditions du Seuil. In André Green. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. Rio de Janeiro: Imago
- Avzaradel, J.R. (2006). Ideograma e formação de significado. In J. R. Avzaradel (org.), *Linguagem e construção do pensamento* (p. 189-206). São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Castro, F. (2019, 3 de outubro de 2016). Japonês vence Nobel de Medicina. *Estado de São Paulo* p. 19-20. Disponível em: <https://ciencia.estadao.com.br/noticias/geral,japones-vence-premio-nobel-da-medicina-de-2016,1000079813>. Recuperado em 10 de janeiro de 2019.
- Diringer, D. (1968). *A escrita*. L. Armando (Trad.). Lisboa: Editorial Verbo.
- Freud, S. (1971). Analysis terminable and interminable. In S. Freud, *S.E.* Vol. 23. London: Hogarth Press. (Trabalho original publicado em 1937).
- Green, A. (2008). *Orientações para uma psicanálise contemporânea*. A.M.R. Rivarola (Trad.). Rio de Janeiro: Imago (Trabalho original publicado em 2002).
- Heidel, A. (1975). *The Gilgamesh epic and Old Testament Parallels*. Chicago: The University of Chicago Press (Trabalho original publicado em 1946).
- Jaspers, K. (1962). *Socrates, Buddha, Confucius, Jesus*. New York: Harvest.
- Leick, G. (2019). *Mesopotâmia: a invenção da cidade*. Trad. A. de Cabral. Rio de Janeiro: Imago. Disponível em: <https://www.travessa.com.br/mesopotamia-a-invencao-da-cidade/artigo/ee96970a-90e4-4557-9512-0abdaf6c3a36>. Acesso em 10/01/2019.
- Mitchell, S. (2004). *Gilgamesh. A new English version*. New York: Free Press.
- Money-Kyrle, R. (1996). *Obra selecionada de Roger Money-Kyrle*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lenharo, M. (2016, 3 de outubro). Japonês leva Nobel de Medicina por pesquisa sobre reciclagem da célula. *G1*. Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/nobel-de-medicina-vai-para-yoshinori-ohsumi.ghtml>. Recuperado em 01/08/ 2019.
- Parrinder, G. (1983). *An illustrated history of the world's religions*. Oxford: Newnes Books.
- Roaph, M. (1996). Origens da escrita. In M. Roaph, *Mesopotâmia e o antigo Médio Oriente* (p. 68-71). Vol. 1. Madri: Edições del Prado.

Paulo Marchon e Maria Livia Diana de Araujo Marchon

Roaph, M. (1996). Uruk e Nippur. In M. Roaph, *Mesopotâmia e o antigo Médio Oriente* (p. 58-84). Madri: Edições del Prado.

Sagan, C. (1989). *Cosmos*. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora.

Serres, M. (1990). *Filosofias: Entrevistas do Le Monde*. Trad. N. Ramos. São Paulo: Editora Ática.

Vendryes, J. (1968). Origine et développement de l'écriture. In J. Vendryes, *Le langage: introduction linguistique à l'histoire* (p. 343-359). Paris: Éditions Albin Michel.

Recebido: 11/01/19

Aceito: 21/05/19

---

Paulo Marchon

Rua Nunes Valente, 1450 apartamento 1002 Fortaleza – Ceará

CEP 60125-035 – telefone 85 99985 1902

marchonpaulo@gmail.com

Maria Livia Diana de Araújo Marchon

Rua Nunes Valente, 1450 apartamento 1002 Fortaleza – Ceará

CEP 60125-035 – telefone 85 99985 1902

marialiviamarchon@yahoo.com.br